

Diário de Petrópolis, 21 de Maio de 2023

O Mundo Desenvolvido Está a Caminho de uma Crise Financeira? (1ª Parte)

Por: Ronaldo Fiani

A frase que abre este artigo pode parecer surpreendente à primeira vista. Ela sintetiza a análise do matemático e economista norte-americano Hyman P. Minsky (1919-1996) sobre o funcionamento do sistema financeiro e sua relação com o restante da economia. Se estamos preocupados com a possibilidade de uma crise financeira na Europa (e nos Estados Unidos), a contribuição de Minsky é um ponto de partida necessário, pois ele foi um dos economistas que mais estudou e escreveu sobre crises financeiras na segunda metade do século XX.

As preocupações quanto à possibilidade de uma nova crise financeira, como a crise de 2008 não são exageradas. Com efeito, entre os dias 9 e 19 de março passado assistiu-se à crise e falência do SVB com sede em Santa Clara (Califórnia) nos Estados Unidos, o colapso do Signature Bank de Nova York e a aquisição emergencial do Credit Suisse pelo UBS, estes dois últimos gigantes das finanças com sede na Suíça. Desde então, matérias na imprensa têm chamado a atenção para problemas nos sistemas financeiros dos países desenvolvidos, especialmente em bancos europeus (<https://www.gisreportsonline.com/r/banking-crisis/>).

Antes de prosseguir na discussão dos riscos de uma crise financeira nos países desenvolvidos, especialmente na Europa, é preciso compreender melhor o que é uma crise financeira, e porque ela acontece. Com efeito, sem compreender adequadamente os determinantes de uma crise financeira, é difícil avaliar os riscos de que algo parecido com o que vivemos em 2008 volte a acontecer. Este será o tema do artigo de hoje.

De uma forma bem simples, há uma crise financeira quando os ativos perdem valor de forma rápida e significativa. Foi isto que aconteceu em 2008, e esta perda de valor afeta seriamente o funcionamento da economia. Quando os ativos perdem valor, isto significa que títulos financeiros, ações, imóveis etc., passam a valer menos. Com isto, pelo lado da demanda de crédito, as empresas veem a sua capacidade de pegar dinheiro emprestado se reduzir, porque as garantias que podem oferecer passam a valer menos, o que compromete seus planos de investimento. Já pelo lado da oferta de crédito, os bancos passam a encontrar dificuldades para levantar dinheiro, pois os papéis que emitem com esta finalidade passam a valer menos. Tudo isto reduz a atividade econômica, o que reduz a receita das empresas e dos bancos, agravando a crise.

Mas o que faz com que os ativos passem a valer menos? Aqui começa a contribuição de Minsky. Ele identificou a existência de um ciclo na economia. Após a economia ser estabilizada, ou seja, após uma crise ser superada, a atividade econômica começa a aumentar. Com isto, a renda das famílias se eleva, e o lucro das empresas também aumenta. Como resultado, as famílias passam a demandar mais ativos para aplicar os seus recursos (por exemplo, comprando casas) e os ativos emitidos pelas empresas (como ações e títulos de dívida) passam a se valorizar, porque as firmas estão mais lucrativas.

Em consequência, os ativos na economia como um todo passam a se valorizar, o que aumenta a capacidade de empresas e famílias se endividarem, e dos bancos de levantar dinheiro para emprestar. A própria competição entre os bancos faz com que eles aceitem aplicações mais arriscadas, em busca de maiores lucros, para satisfazer seus acionistas. Com isto, um número crescente de empresas e famílias assumem compromissos financeiros que não têm condição de arcar, mas que vão rolando enquanto têm crédito.

A bola de neve prossegue, até que alguns devedores não consigam mais honrar seus compromissos. Isto inicia uma cadeia de créditos que não são honrados, pois o sistema financeiro é interligado, com vários bancos e agentes financeiros emprestando uns aos outros. Como consequência, os ativos começam a perder valor, o que compromete a capacidade de pagamento de um número crescente de empresas e famílias, e uma nova crise se estabelece, até que a economia se estabilize novamente e um novo ciclo recomece. Daí a frase de Minsky: a estabilidade é desestabilizadora.

A questão, contudo, não é a existência de ciclo, mas sim a sua amplitude, ou seja, a extensão que a crise assume. Ela pode atingir desde alguns bancos, até uma economia inteira. Quando a crise envolve a economia norte-americana, a maior do mundo, ela rapidamente se transforma em uma crise global.

Como veremos no próximo artigo, há um fator importante no sistema financeiro dos Estados Unidos e da Europa, que já teve participação na crise de 2008, e

que pode aumentar muito a amplitude de uma nova crise: os “bancos sombra” (shadow banking em inglês).

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-238770>